

BUSCANDO EM PAULO FREIRE AS CONCEPÇÕES DE INDIVÍDUO E MUNDO

Prof^a. Dra. Edna Gusmão de Góes Brennand

Introdução

A obra de Freire não possui uma estrutura teórica academicista. O fato de ter vivido e experimentado várias formas de expressão da opressão ele formula sua crítica educacional a partir de uma análise dos modos pelos quais as ideologias dominantes estão encravadas nas regras, nos procedimentos das instituições e sistemas.

Mas podemos encontrar em suas obras teses epistemológicas que caminham na direção da constatação de que a 'razão humana' é capaz de descobrir verdades pela crítica e pelo diálogo. É uma epistemologia dialética que oferece bases para a interpretação do desenvolvimento da consciência humana e sua relação com a realidade.

No entender de Freire toda ação educativa deverá ser precedida por uma reflexão sobre o homem e uma análise de seu meio de vida. Coerente com esta posição ele inicia seus escritos por uma reflexão sobre o homem e sua relação com o outro. Preocupado em responder à questão "Quem é o homem?" ele aponta elementos interessantes de resposta, entre eles, que esta é um questão existencial e ao mesmo tempo concreta porque tem relações profundas com o processo de desumanização desencadeado por realidades históricas e resultado da opressão do homem pelo próprio homem.

Como « ser em si mesmo » o homem é um sujeito de relações. A palavra existir já contém em si mesma a idéia de comunicação, de poder de transcendência, de discernimento, de nuances de julgamento crítico. Ele é, então, capaz de tomar distância, de objetivar o mundo e objetivar a si mesmo através do ato de conhecer. Pelo ato de conhecer o homem pode criar sua consciência de mundo, construir sentidos significações e símbolos. Tendo como característica a ação-reflexão, o ato de conhecer permite ao homem tomar consciência de sua qualidade de sujeito. Ao tomar consciência de si mesmo ele estabelece uma relação dialética entre sua liberdade e os problemas que a limitam. Assim seu papel não pode ser resumido à passividade , à uma intervenção acidental e incompleta com o mundo.

« Não se reduzindo tão somente a uma das dimensões de que participa - a natural e a cultural - a primeira pelo seu aspecto biológico, a segunda pelo seu aspecto criador, o homem pode ser eminentemente interferidor. Sua ingerência, senão quando distorcida e acidentalmente, não lhe permite ser um simples espectador, a quem não fosse lícito interferir sobre a realidade para modificá-la »

Compreendendo a concepção de indivíduo

Freire argumenta que o homem não se reduz aos limites do tempo e do espaço. Suas raízes não deve ser um problema de desenvolvimento. Ele é sujeito por vocação o que lhe permite ultrapassar os limites do tempo e se lançar num domínio que lhe é exclusivo: construir sua história e sua cultura. Como um ser da práxis ele emerge da

natureza para transformá-la. Pela sua capacidade de discernimento ele é impulsionado a tomar consciência de sua temporalidade e de sua transcendência.

« Há uma pluralidade das relações do homem com o mundo, na medida em que ele responde à ampla variedade de seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de respostas. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto mais em face do mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. »

A forma como o indivíduo capta e interpreta a sua realidade vai determinar sua relação com o mundo objetivo e sua pluralidade de significações. É na cultura que ele vai encontrar os primeiros elementos para construção de discernimentos, ou seja a consciência de sua temporalidade e de sua historicidade.

Há nas primeiras formulações de Freire sobre o homem e o mundo uma ambigüidade curiosa: ele busca em Marx a concepção de homem construtor da sua historicidade e da sua temporalidade dado que se refere constantemente a um homem que capta dados objetivos da sua realidade « entendemos que para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida » ao mesmo tempo mostra também a influência das formulações filosóficas de pensadores cristãos como por exemplo Mounier e Mauritian. « A sua transcendência está também, para nós, na raiz de sua finitude. Na consciência que tem desta finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu criador. » Num primeiro momento esta concepção de homem e mundo é baseada numa visão humanista que supervaloriza o papel central do homem na história. Este homem construtor do processo histórico é no nosso ponto de vista colocado de forma genérica a abstrata no sentido ontológico, porque ele não o situa nas relações de poder que fundam a sociedade. Num segundo momento Freire vai situar este homem de uma forma menos genérica porque vai se referir ao homem brasileiro e sua inserção nos processos de transformações estruturais decorrentes do processo de industrialização.

Freire enfatiza em sua concepção de mundo o aspecto predominantemente objetivo em função do momento histórico vivido por ele, pela especificidade da realidade brasileira daquele momento, onde as classes populares marginalizadas dos benefícios da nova sociedade industrial lutavam pelo direito de garantia de satisfação das suas necessidades básicas (alimento, saúde, educação, habitação etc) .

Compreendendo a concepção de mundo

Embora não sistematizando formalmente um conceito de mundo teoricamente ampliado o discurso de Freire traz implícita esta compreensão quando ele constantemente assinala que estar no mundo resulta do processo de estabelecer relações entre subjetividade individual e realidade objetiva. Para Freire estas duas dimensões da natureza humana vai permitir aos indivíduos conviver com a pluralidade para transcender sua subjetividade. E reafirma.

« Volto a insistir na necessidade imperiosa que tem o educador de se familiarizar com a sintaxe, com a semântica dos grupos populares, de entender como eles fazem sua leitura de mundo... de sentir sua cultura, sentir sua religiosidade de forma respeitosa de forma dialética e não como se fosse expressão pura de sua alienação. »

Esta afirmação demonstra claramente sua compreensão da questão do pensar místico de grupos populares e suas implicações na construção do ato educativo que tenha como horizonte levá-los à superar a sua compreensão mística em direção à uma concepção racional. Assim, a educação deverá situar-se entre os dois modos de conhecimento e ação, um simbólico, místico, mágico e outro empírico e racional. É preciso considerar que esses dois modos de conhecer e agir : mito - logos coexistem e estão muitas vezes em constante interação. No mundo da vida coexistem e se misturam crenças, superstições, racionalidades.

Para Freire falar de opressão sem buscar as dimensões ontológica, econômica, política e pedagógica se torna pura abstração. Compreendê-la supõe considerar as estruturas concretas que ela mantém. Assim, ele parte de exemplos concretos de situações de opressão em camponeses do Brasil, do Chile de, países da África, de classes trabalhadoras que teve contato na Europa e nos Estados Unidos para mostrar que ela possui uma estrutura global. Sua análise considera a evolução histórica do colonialismo, a formação de classes sociais e a internacionalização do capitalismo para argumentar que ela se encontra enraizada nas condições globais de cada sociedade e pode se manifestar de forma singular em cada contexto específico. Ela é multifacetada e pode esconder-se nos processos normativos que regulam cada formação social.

Ao analisar a estrutura opressiva da realidade de diversos países, Freire reconhece que por trás do mito de 'oportunidades iguais' todo um esquema opressor é montado para evitar o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico através da educação, dos meios de comunicação de massa, do processo de trabalho. Isto vai ter como consequência o desenvolvimento de uma cultura do silêncio pela internalização da passividade. Os conteúdos impostos que deverão ser memorizados vão matando aos poucos a paixão de aprender, de participar de refletir.

Freire utiliza o conceito de cultura do silêncio para enfatizar que o processo de dominação se efetua porque aos dominados é negado o direito de conquistar sua palavra, o direito de dizê-la. Negar a alguém a palavra é escamotear sua condição humana, o direito de ser.

Esta é uma violência incontestável porque fere a vocação ontológica e histórica do homem de ser mais (plus-être). A situação de ser menos (moins-être), de alienação leva à inautenticidade, elimina a condição essencial de uma existência com verdadeiras relações de interação.

Considerando que a consciência da opressão é eminentemente possessiva as relações opressor/oprimido será sempre no nível de ter e possuir. Inspirando-se em Eric From, Freire considera a consciência possessiva como consciência necrófila porque movida por um desejo de ver os seres dominados como objetos. Por não conseguir se relacionar com a coisa dominada através do contato, da interação, ela se torna desumanizante, opressiva, geradora da passividade do outro.

Freire remarca que o caráter pedagógico da opressão pode ser sentido quando se analisa o papel da educação na vinculação dos modelos culturais dominantes. Na sua obra podemos acompanhar a análise da educação como veículo de dominação através de dois eixos: a educação antidialógica ou educação bancária o papel estratégico do sistema educativo no processo de reprodução cultural.

Freire toma a conceito de cultura como essencial para introduzir uma concepção de educação que seja capaz de desenvolver a impaciência, a vivacidade, os estados de procura da invenção e da reivindicação. Ao falar do humano busca sempre o seu sentido filosófico, antropológico, e não puramente biológico do termo. Antropologia no sentido do logos que diz respeito ao antropos, isto é, o discurso que diz respeito ao ser humano. Ele se reporta constantemente à importância da cultura como invenção do homem, como a forma de escrever sua própria história.

Na perspectiva freiriana a cultura vai significar a transfiguração expressiva de realidades vividas, conhecidas, reconhecíveis e identificáveis cujas interpretações podem ser feitas por todos os membros de uma formação histórica particular. Resgata uma concepção de cultura no sentido marxista como o resultado do fazer do humano na relação com a materialidade e a história Freire toma a conceito de cultura como essencial para introduzir uma concepção de educação que seja capaz de desenvolver a impaciência, a vivacidade, os estados de procura da invenção e da reivindicação. Ao falar do humano busca sempre o seu sentido antropológico, não o sentido biológico do termo mas o seu sentido filosófico. Antropologia no sentido do logos que diz respeito ao antropos, isto é, o discurso que diz respeito ao ser humano. Ele se reporta constantemente à importância da cultura como invenção do homem, como a forma de escrever sua própria história.

« E nos pareceu que a primeira dimensão deste novo conteúdo com que ajudaríamos o analfabeto, ainda antes de iniciar sua alfabetização, para conseguir a superação de sua compreensão 'mágica'... seria o conceito antropológico de cultura, isto é a distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura; o papel ativo do homem na sua realidade e com a sua realidade, o sentido da mediação que tem a natureza para as relações e a comunicação entre os homens... a cultura como aquisição sistemática da experiência humana. »

Síntese do indivíduo: a produção cultural

Na perspectiva freiriana a cultura vai significar a transfiguração expressiva de realidades vividas, conhecidas, reconhecíveis e identificáveis cujas interpretações podem ser feitas por todos os membros de uma formação histórica particular. Resgata uma concepção de cultura no sentido marxista como o resultado do fazer do humano na relação com a materialidade e a história.

Freire, então, privilegia a herança cultural como determinante na evolução da compreensão de mundo. Pela herança cultural e pela experiência adquirida através da linguagem os indivíduos criam, recriam, integram-se ao seu contexto, respondem aos desafios, transcendem e dominam sua história e sua cultura. Essa integração faz criar as raízes de sua identidade. Daí o fato de Freire considerar a massificação cultural trazida pelo capitalismo internacional como o fator determinante do processo de desenraizamento cultural, destemporalização, acomodação e desajustamento de muitos povos e culturas. O conceito de cultura em Freire tem um forte conteúdo antropológico. Na sua concepção o homem faz cultura.

Articulando as concepções de indivíduo e mundo: a formação da consciência crítica

É visível em toda obra de Freire sua preocupação em situar o homem como criador da história e da cultura. Ele realça a capacidade dos indivíduos de conviver com a

pluralidade e coloca que isto vai se dar pela forma como estes captam os dados da sua realidade. Para justificar este processo ele busca explicitar a manifestação de três formas de consciência:

a) a consciência ingênua ou intransitiva - é a consciência humana no grau mais elementar de seu desenvolvimento. A centralização dos interesses giram em torno de formas vegetativas de vida. Suas preocupações se voltam para o que há nele de vital, biológico. Falta-lhe teor de vida no plano histórico. Pela consciência ingênua os indivíduos vêem a realidade dos fatos como algo estático, já feito e estabelecido. Domina-os de fora, percebe os fenômenos mas não coloca-se à distância para julgá-los e por isto se considera livre para entendê-los conforme melhor lhe parecer e assim sobrepõe-se à realidade. A patologia da ingenuidade leva à irracionalidade, ajustamento e acomodação.

b) consciência mágica. Presente quando os indivíduos possuem uma concepção mística do mundo. Esta consciência mágica faz com que os indivíduos captem os fatos emprestando-lhes um poder superior. Domina-os de fora submetendo-se a eles com docilidade, com fatalismo e às vezes com fanatismo. Cruza os braços porque se considera incapaz de fazer algo diante do poder dos fatos.

c) consciência transitiva - Se caracteriza ainda por uma forte dose de espiritualidade mais começa se alargar acima dos interesses vegetativos. Há ainda simplicidade na interpretação dos fatos e uma forte inclinação ou gregarismo característico da massificação. Tem uma tendência à transferência de responsabilidade e autoridade. Tem desconfiança do novo e prefere a polêmica ao debate, sua argumentação é frágil.

d) consciência crítica - Pela consciência crítica os indivíduos captam e percebem os fatos conseguindo desocultar as razões que os explicam e é capaz de compreender seus nexos causais e circunstanciais. Ao ser capaz de desvelar a realidade ele é conduzido à sua vocação ontológica de humanizar-se. A consciência crítica fundamenta a criatividade e estimula a reflexão dando origem a ações verdadeiras sobre a realidade. Tem uma característica de inquietude e busca constantemente a ação transformadora.

Do seu ponto de vista os estágios da consciência podem variar não somente em função da idade, da experiência. E a educação vai se tornar elemento importante, pois permite ao sujeito passar de um estágio à outro de consciência e conseqüentemente isto vai afetar a qualidade de sua ação.

« A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será. Se é mágica ou ingênua a compreensão, assim também será a ação. »

O que caracteriza a consciência intransitiva é a falta de motivação, ausência de compromisso, dificuldade de discernimento, interpretação mágica da realidade. Ao contrário, a consciência crítica desenvolve constantemente a capacidade de revisões e reinterpretações, a segurança na argumentação, a facilidade para o diálogo, abertura à transformação.

Consideramos fundamental e coerente no discurso de Freire a compreensão dos estágios da consciência, mas ao nosso ver ele se detém na discussão genérica da formação da consciência de cada indivíduo sem relacioná-lo com sua inserção nos

grupos onde estão inseridos. Freire não interpreta o desenvolvimento da consciência a partir das perspectivas socio-morais e não reconhece que a capacidade de julgar passa por estágios de aprendizagem que vai da infância até a fase adulta tendo como ponto de referência as relações normativas. Possivelmente a tônica dada à questão da consciência individual é o fato desta ser o terreno onde ele visualiza a possível influência da educação, embora o seu objeto seja a educação de adultos onde o aprendizado básico para as interações lingüísticas já tenha sido adquirido em etapas anteriores. O discurso de Freire vai na direção de que a liberdade da consciência individual esclarecida e forte é o germe que permite alguma esperança.

« Nesse sentido, a visão dialética nos indica a necessidade de recusar, como falsa, por exemplo, a compreensão da consciência como puro reflexo da objetividade material, mas, ao mesmo tempo, a necessidade de rejeitar também o entendimento da consciência que lhe confere um poder determinante sobre a realidade concreta. »

Freire coloca a educação como um espaço privilegiado para desenvolvimento da consciência crítica nas sociedades do terceiro mundo onde os indivíduos se encontram em uma quase 'aderência' ou 'imersão' na realidade objetiva. A 'cultura do silêncio' oriunda dos impactos das transformações econômicas começa a ser 'rachada' e a consciência intransitiva começa a marchar para a transitividade impulsionada pelas contradições. Este é o momento fundamental para se iniciar um processo educativo caracterizado pelo diálogo para impulsionar as classes oprimidas a compreender criticamente sua realidade. Neste contexto, Freire não admite a transferência de um conhecimento 'neutro' mistificador em prol das classes que possuem a ciência e a tecnologia sob o seu comando. Pela conscientização os avanços econômicos, científicos e tecnológicos passam a ser vistos como o natural desenvolvimento humano.

A nova cultura que vai nascendo tendo como base a velha precisa ser permanentemente analisada. Para Freire a conscientização é um esforço através do qual a consciência intransitiva é levada a perceber o mundo objetivo e social, a receber o conhecimento e a recriá-lo, pois o processo de conhecimento implica a constante ação e reflexão sobre a realidade. A conscientização é o desenvolvimento crítico da tomada de consciência e comporta ir além da fase espontânea da apreensão até chegar à um nível onde a realidade se torna objeto cognoscível. Neste processo o sujeito assume a posição epistemológica da procura de conhecer. É um processo de conhecimento que se realiza na realização dialética homem-mundo. Ela não pode existir fora do ato de agir-refletir. A conscientização tem por fim descortinar as situações-limites nas quais os temas são bloqueados a fim de que sejam desmistificados. Este processo torna possível uma visão crítica sobre os mesmos.

Pela conscientização faz-se oposição ao pensar ingênuo cuja meta é agarrar-se ao espaço garantido ajustando-se à ele. Permite o florescer do pensar crítico que procura não dicotomizar a ação e reconhece ser possível haver entre dois indivíduos uma inquebrantável solidariedade. Esta forma de pensar faz o indivíduo perceber que a realidade é um processo em constante devenir que banha-se permanentemente de temporalidades cujos riscos não teme. Nesse sentido, diz Freire, é falsa a compreensão de que a consciência é puro reflexo da objetividade material. É preciso rejeitar, também, o entendimento de que à consciência se pode conferir um poder determinante sobre a realidade concreta.

Referências Bibliográficas

- Freire, P. (1963). Alfabetização e Conscientização, Porto Alegre, Emma.
- _____. (1968). Educação e Conscientização : extensionismo rural. Cuernavaca, México.
- _____. (1976a.). Ação Cultural para a Liberdade, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. (1976b). Extensão ou Comunicação, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. (1977a). Cartas à Guiné-Bissau, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. (1977b). Sobre Educação, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. (1979). Consciência e História. São Paulo, Loyola.
- _____. (1982a). Educação como Prática da Liberdade Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. (1982b) .Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. (1982c). Sobre Educação (Diálogos). v.I, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. & Gadotti, M.. (1985a). Pedagogia : diálogo e conflito, São Paulo, Cortez.
- _____. (1985b). Por uma Pedagogia da Pergunta, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. & Shor I.. (1986b). Medo e Ousadia, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. (1986c). Educação e Mudança, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. (1987). Aprendendo com a própria história. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. (1992). Educação na Cidade, São Paulo, Cortez.
- _____. (1993a). Pedagogia da Esperança, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. (1993b). Política e Educação, São Paulo, Cortez.
- _____. (1994). Cartas à Cristina, São Paulo, Paz e Terra.